

VICTOR DE SÁ

CULTURA E ACÇÃO



O QUE FOI A
BIBLIOTECA MÓVEL

1954

EDIÇÃO DO AUTOR

BRAGA

O QUE FOI A BIBLIOTECA MÓVEL

DO AUTOR:

A MOCIDADE DE ANTERO — Ensaio biográfico e comemorativo — 1942. (Esgot.)

AS PROSAS DE ANTERO DE QUENTAL — Antologia — 1942. (Esgot.)

BIBLIOGRAFIA QUEIROSIANA — Ensaio bibliográfico com uma «Panorâmica do Livro em Portugal» — 1945.

CULTURA E ACÇÃO : I — O que foi a Biblioteca Móvel.

VICTOR DE SÁ

CULTURA E ACÇÃO



**O QUE FOI A
BIBLIOTECA MÓVEL**

1954

EDIÇÃO DO AUTOR

BRAGA

**«Deixemos no bengaleiro a nossa
perpétua inclinação nacional de escutar
odes — e entremos só com a tendência
humana de resolver problemas.»**

EÇA DE QUEIROZ

EM 1942, fundou-se em Braga uma biblioteca muito original — sistema de leituras facilitadas para utilização em qualquer ponto do país — que até 1950, durante oito anos consecutivos, prestou relevantes serviços e exerceu profunda influência.

Foi conhecida pela designação de Biblioteca Móvel.

Periòdicamente publicava catálogos, ordenados com critério, que constituíam guias bibliográficos de muita utilidade para todo o género de leitores, pois que além de edições nacionais e brasileiras também incluía muitas publicações estrangeiras, tudo arrumado por secções. A Biblioteca Móvel, embora localizada em Braga, levou os seus livros a ser lidos em todo o país, e não só no continente, como até nas ilhas. Fomentou muitos núcleos de interesse cultural, não só em cidades e vilas, mas também em aldeias e lugarejos recônditos; promoveu em 1945 um inquérito aos leitores; iniciou a publi-

cação duma Série de Ensaio Bibliográficos, de que saiu a «Bibliografia Queirosiana» e chegou a ter anunciada a «Bibliografia da Economia Nacional», organizada por Nuno Fidelino de Figueiredo. Muitos dos grandes autores modernos e de todos os tempos foram divulgados a centenas ou milhares de leitores portugueses através dessa organização surgida em terra da província.

Depois de 1950, deixou de funcionar.

Como surgiu a ideia desta biblioteca? Como se desenvolveu? Que lições resultam da sua experiência?

Essas perguntas têm-me sido dirigidas por muitas pessoas que, a-pesar-do tempo decorrido, mantêm uma grata e profunda impressão que a existência dessa biblioteca marcou no seu espírito; por pessoas que dela se utilizaram nas mais desencontradas circunstâncias; por pessoas que nela ouviram falar ou leram notícia em muitos dos jornais que se lhe referiram; por outras que não aceitaram como possível o «milagre» duma tal organização sustentada exclusivamente pela cobrança duma cota mensal de 2\$50 aos leitores; por pessoas, enfim, que compreenderam e reconhecem ainda que a Biblioteca Móvel foi uma obra fecunda no campo da divulgação cultural.

A curiosidade que sinto latente nessas pessoas, ainda hoje, quando vão já decorridos doze anos sobre a sua fundação, anima-me a fazer uma análise retrospectiva do que foi essa obra que me queimou entusiasmaticamente oito anos de energias e que, se foi de incon-

testável utilidade para os leitores que dela se utilizaram, não o foi menos para mim, que dia-a-dia, e muito na intimidade, sentia o palpar dos interesses que fervilhavam no espírito das centenas de assinantes que se serviam da Biblioteca Móvel.

Extraviaram-se, infelizmente, durante estes anos decorridos — que inquietos anos! — os mais palpitantes documentos desse intercâmbio: a copiosa correspondência dos leitores, os milhares das suas requisições, as consultas sobre os livros que mais proveitosamente podiam ler sobre este ou aquele assunto, a crítica que faziam muitas vezes, desinteressadamente, a este ou àquele livro, alheados dos preconceitos de escolas ou doutrinas preconcebidas. Mas ficaram a atestar documentalmente o que foi a Biblioteca Móvel, os seus seis catálogos publicados, circulares, o inquérito aos leitores e suas respostas, as referências nos jornais, os ataques mesmo de certa «boa» imprensa, e, sobretudo — o que invoco comovidamente — esses exemplares já gastos, essas páginas já rendilhadas pelo uso, das 1.500 obras que constituíam o seu recheio bibliográfico.

À solicitação que sinto à minha volta para descrever o que foi a Biblioteca Móvel, acresce que julgo ser efectivamente útil reavivar uma experiência, para a transmitir e para fornecer os dados que permitam a outros continuá-la ou promovê-la de novo, mas já com o incentivo de anteriores tentativas ensaiadas.

Trabalhar em cultura não é tarefa fácil entre nós.

Pelo contrário, é trabalho em terreno muito árido e ingrato, e quem se decidir a fazer alguma coisa neste sector primacial terá de se lançar com bom ânimo e muita destreza.

Árido — disse — porque o terreno das tarefas culturais está por arar. Desde que no século XVIII foi tentada uma profunda renovação nos quadros espirituais da nação, levada a cabo pela pléiade de homens esclarecidos que o espírito retrógado nacional classificou de «estrangeirados» — tentativa essa de que resultou a criação das Academias, Bibliotecas, Colégios e outras instituições culturais que na sua fundação desempenharam um papel altamente progressivo, o panorama cultural português tem sofrido o sopro sem dúvida fecundo com que alguns egrégios valores o têm procurado alentar, mas bastante desse esforço se tem perdido por falta de continuidade na tradição da luta.

E o obscurantismo persiste, mantendo-se a ausência dum clima cultural propício a aceitar e animar as iniciativas que poderiam ser de utilidade nacional para o desabrochar espiritual do povo português.

Ingrato — disse também — porque a incompreensão do meio manifesta-se pela forma rebaixada da hostilidade. As Academias e outras instituições culturais que foram creadas para desempenhar o papel de instigadoras da cultura, estagnaram, anquilosaram, e, de fomentadoras, constituíram-se monopólio, casta, aristocracia de eruditos — consideram que, cultura, só dentro dos seus muros; fora deles, barbarismo, plebeísmo pedante. E essa sobranceira indiferença pelo estado cultural

(melhor diríamos: pelo estado anti-cultural) da massa do povo português, tem animado a hostilidade — os «enredos da reacção», como já lhe chamou Herculano (1) — a todas as iniciativas particulares ou individuais, que procuram suprir a própria incapacidade e falta de iniciativa dos elementos responsáveis.

Porque o clima espiritual da nação é assim árido e ingrato, é que as tentativas que isoladamente, aqui e além, têm procurado quebrar a apatia do meio, não devem perder-se no isolamento ou no esquecimento. Não são em vão esses esforços. Ainda que à custa de muito denodo, algo fica de proveitoso. E o facho das experiências deve ser transmitido aos outros, para que sempre se prossiga — e sempre melhor.

Desde 1950 que a Biblioteca Móvel deixou de funcionar. Porém, a perspectiva que o tempo imprime à visão das coisas deixa-nos agora tomar melhor consciência do que ela representou efectivamente. Gostaria de não ser eu a falar da Biblioteca Móvel. Mas, na realidade, fui eu que a concebi, que a organizei, que a vivi dia-a-dia durante oito anos consecutivos. Como furtar-me à evidência das coisas? Que me cubra o véu da serenidade, pois é objectividade o que pretendo e não pessoalismo. No decorrer da exposição, e até porque à

(1) Prefácio da 3.^a edição da «História de Portugal».

experiência da obra se aliou uma experiência pessoal, uma por outra vez terá que falar-se na pessoa, o que certamente é muito ingrato para o autor. Mas sempre se procurará ser objectivo, de modo a que se afaste o espectro do pessoalismo — caricata tradição da nossa cultura.

COMO SURTIU A IDEIA DA BIBLIOTECA MÓVEL

A Biblioteca Móvel surgiu em 1942.

Há três anos já que a Europa vinha sendo dilacerada pelo terrível conflito armado desencadeado pelos imperialismos. O mundo inteiro tinha sido posto perante a crueza dos problemas, que uma guerra total sempre levanta com uma eloquência que nenhuma retórica consegue mistificar.

Todos os homens e mulheres, velhos e crianças, no «front» ou na rearguarda, nos países beligerantes ou nos neutros, todos os homens e mulheres, de todas as categorias e classes sociais, de todas as raças e cores, cultas ou analfabetas — eram atingidos na sua carne e nos seus interesses, quer directa quer indirectamente. O conflito era uma dura realidade, de que ninguém, por mais inconsciente, podia alhear-se. E o conflito punha problemas fundamentais da existência humana.

Um ano antes tinha o organizador da biblioteca terminado o seu curso dos liceus. Pertenceu àquela geração de estudantes que no decorrer desse curso sofreu três regimes diferentes, três programas diversos, porque só apenas durante êsse período nada menos de duas reformas remodelaram sob critérios opostos o ensino liceal—o que deixou nos estudantes dessa geração uma marca imperecível. Quantas vocações alteradas, quantos projectos inutilizados, porque a inconsequência das matérias estudadas e dos programas cansou de tédio os alunos e o estudo deixou de ser uma alegria para merecer a antipatia dos trabalhos forçados! O artificialismo das reformas, o desarticulado das matérias, tudo isso a sobrecarregar os vícios já tradicionais no nosso ensino, produziu uma insatisfação mesmo aos estudantes dedicados, insatisfação essa agravada ainda com a acuidade de problemas humanos e sociais que a guerra mundial trazia ao primeiro plano das preocupações.

Por isso, muitos estudantes dessa época abandonaram ou suspenderam os estudos para mergulhar na vida, nos problemas reais da existência, desprezando as vacuidades dum ensino desligado das preocupações humanas da juventude.

Vivia-se, então, um ambiente preñado de inquietações e de intensa curiosidade intelectual. Anos antes, publicava-se o «Pensamento», o «Diabo», o «Sol Nascente» e outras revistas que tomavam posição consequente perante os problemas e os agitavam construtivamente. O neo-realismo fazia escola com Ferreira de

Castro e Alves Redol. Em Coimbra surgia o «Novo Cancioneiro». Ramos de Almeida doutrinava em «A Arte e a Vida» a função social da estética. Agostinho da Silva tinha lançado as suas notáveis biografias, que provocaram um estremecimento de entusiasmo na juventude. Vieram depois os seus dinâmicos cadernos «Iniciação» e «Antologia». Faziam-se Cursos nas Universidades Livres e Populares de Lisboa. Bento Caraça publicava a sua «Cultura Integral do Indivíduo» e Abel Salazar iniciava os discípulos na investigação científica. A Junta de Investigação Matemática, com o dinamismo e inteligência de Rui Gomes, promovia conferências e estudos.

A juventude era desse modo atraída para actividades construtivas que a orientavam nos problemas da vida e do mundo e que a auxiliavam a tomar uma atitude positiva e consequente perante as realidades sociais.

Saído dos bancos do liceu, onde a tendência para a literatura tinha deixado um vinco bem marcado, a primeira preocupação dominante foi ainda a publicação de trabalhos literários: «A Mocidade de Antero», expressão duma busca de liberdade, e «As Prosas de Antero de Quental», tentativa dum caminho no campo da divulgação dos escritores racionalistas, cujos trabalhos mais objectivos o ensino oficial procurava esconder.

A publicação desses trabalhos, ao mesmo tempo que tornaram o autor conhecido dum sector do público interessado em leituras, pôs-lhe um problema de continuidade em relação com iniciativas que tivera anterior-

mente, quando ainda aluno do liceu. Com efeito, já em tempos de estudante promovera uma certa actividade cultural, quer pela criação duma biblioteca de estudantes, para a qual o próprio reitor acabara por ceder uma sala do estabelecimento, quer pela formação do grupo «Amigos do Saber», que tomou a iniciativa duma série de palestras de estudantes, com a assistência de professores, mas onde toda a iniciativa e trabalho pertencia aos alunos.

Dir-se-ia que uma preocupação eminentemente social acompanhava todo o esforço individual do estudo: era que a cultura não beneficiasse um sòmente, mas que irradiasse a todos, que deviam ter um amplo acesso aos problemas culturais.

Essa preocupação já embrionariamente manifestada nos bancos do liceu, voltou a manifestar-se quando tomou contacto com o público dos leitores. Certamente que seria muito grato receber referências amáveis que de diferentes sectores lhe vinham, quer através da crítica na imprensa, quer através de correspondência particular. Mas, na realidade, não seria justo que o escritor se sentisse o centro do mundo. Muitos trabalhadores do pensamento tinham através dos séculos e em todas as latitudes, um trabalho rico e vasto. Seria mais útil e frutífero tornar as suas obras amplamente conhecidas por quem tivesse dificuldade de as possuir pelos seus próprios meios, torná-las acessíveis à consulta directa dos leitores, do que escrever a seu propósito monografias, críticas ou ensaios.

À preocupação de ordem intelectual, digamos,

juntava-se uma outra de ordem prática: muitos estudantes ou estudiosos lutam sempre com dificuldade na consulta de livros. Primeiro, porque nem sempre os podem adquirir, por razões de ordem económica; eu próprio tinha sentido nos meus tempos liceais a angústia das limitações que advinham de não poder adquirir e sorver a leitura de todas as obras que nas montras das livrarias sorriam à minha curiosidade. Depois, porque um sem-número de escolhos da bibliografia nacional se levantam a dificultar o esforço pela cultura: muitas obras fundamentais encontram-se esgotadas; outras, estrangeiras, nem sempre é fácil obtê-las; os livros das bibliotecas públicas só nas suas salas podem ser consultados, o que constitue grave embaraço para todas as pessoas que, ou pelas suas ocupações, ou porque vivem em terras onde não há bibliotecas públicas (e quantas terras portuguesas dispõem de bibliotecas públicas?) não têm meio de ler todas as obras que pretendem; e ainda a falta de bibliografias, guias de leitura, informações bibliográficas, etc, etc.

Essas circunstâncias acicataram a minha imaginação para conceber uma modalidade pela qual os livros que eu então já podia adquirir com relativa facilidade não ficassem na estante, parados, adormecidos, depois da minha leitura. Aquele acumular de livros nas estantes impressionava-me, a mim que anteriormente tanto os desejava ler mesmo sem os possuir, e parecia-me egoísmo que eles ali ficassem ao capricho dos meus desejos, indiferentes à curiosidade que tantos jovens, como eu no tempo de estudante, teriam de os ler,

sem que, porém, tivessem facilidade de os adquirir.

A solução para esse objectivo encontrei-a nas seguintes bases, aproximadamente: cada pessoa que pretendesse fazer a leitura de determinado livro pagaria uma taxa, espécie de aluguer, correspondente a 10% do seu preço: isto é, pretendia ler uma obra cujo preço era de 15\$00, pagava 1\$50; de 40\$00, pagava 4\$00, destinando-se aquelas taxas à compra de novos livros. Quanto a prazos de leitura, seriam 8, 15 ou 20 dias, conforme o número de páginas. Como garantia de restituição, uma caução ou depósito. Para escolha de livros, uma lista, que inicialmente foi dactilografada, enquanto apresentava a ideia a uma ou duas dúzias de pessoas que poderiam interessar-se pelo caso.

Foi esta a base embrionária em que assentou o que depois ficou a chamar-se Biblioteca Móvel. A reacção das pessoas a quem apresentei o plano, ainda grosseiro, é que verdadeiramente determinou as futuras perspectivas da biblioteca.

COMO FOI ACOLHIDA A IDEIA DA BIBLIOTECA MÓVEL

Estava naturalmente indicado que o meu projecto embrionário desta biblioteca fosse apresentado àquelas pessoas amigas que mais interesse me parecia que haviam de ter por esse sistema de leituras facilitadas. E, assim, foi que o apresentei sobretudo aos meus antigos colegas do liceu que tinham prosseguido nos seus estudos e tinham ingressado nas Universidades. Parecia-me que lhes devia ser útil esta modalidade de leituras e que seria através deles e dos seus colegas que o sistema poderia ensaiar-se com perspectivas. Enviei-lhes, por isso, o meu projecto já acompanhado duma primeira lista dactilografada e dum pedido de sugestões e de propaganda através dos seus amigos.

E fiquei ansioso, na expectativa das reacções que a ideia, por certo, iria produzir.

As respostas, porém, demoraram.

Mas a ideia não esmoreceu. Através duns ou dou-

tros, e até em resultado do sensacionalismo que envolve as ideias originais, foi-se tornando conhecida por terceiras camadas de pessoas que já não aquelas a quem inicialmente me tinha dirigido. E quando estas começaram lentamente a manifestar-se, felicitando com delicadeza, ou augurando um destino impraticável à iniciativa, já outras pessoas procuravam informar-se melhor das condições de funcionamento do sistema de leituras facilitadas e pediam para se inscrever. Algumas outras pessoas ofereciam francamente a sua colaboração para a obra que muito bem compreendiam não podia ser levada a cabo sem auxílio.

Foi um novo horizonte que se abriu. Foi como se tivéssemos transposto uma curva da estrada e nos surgissem à vista campos férteis onde as sementes poderiam germinar e frutificar.

Na realidade, não eram os intellectualistas os que compreendiam o alcance da iniciativa e a acolhiam com apoio em atenção aos serviços que esta espécie de biblioteca colectiva lhes poderia prestar. A compreensão, o apoio e o incentivo vinham doutro sector: dum empregado de escritório, dum guarda-fios, dum professor primário, dum funcionário; só mais raramente dum estudante; um pároco; e nunca dos jovens mocinhos que tinham sido absorvidos pelo ideal negativo das actrizes de Hollywood ou dos pontapés do Pinga.

Foi através destas diferentes reacções que eu percebi qual era o verdadeiro público a quem podia interessar uma iniciativa deste género. Era a essa multidão de gente esmagada pelo trabalho, isolada no campo ou na serra, a quem a necessidade da vida talvez tenha desviado das suas vocações ou tendências mais belas e que no anonimato do seu isolamento individual mantêm vivo o desejo verdadeiramente humano de se instruir e cultivar, de apreciar as obras dos grandes autores, de ver tratados com compreensão os seus grandes e pequeninos problemas da vida quotidiana, que só através da leitura e do estudo podem ser iluminados e esclarecidos.

Então foram surgindo alvitres, sugestões para mais cómodas e amplas facilidades de leitura e, finalmente, a preciosa ajuda de muitos livros emprestados, para impulsionar a iniciativa ainda periclitante. Em Outubro de 1942 era publicado o catálogo N.º 1 da Biblioteca Móvel, com a indicação de perto de 200 títulos de obras, que se ofereciam para leitura domiciliária a quem se inscrevesse assinante, pagando uma taxa mensal de 2\$50.

O catálogo apresentava-se impresso com 23 páginas de extensão e dividido em secções: Literatura (Prosadores portugueses; prosadores brasileiros; poetas; prosadores estrangeiros) — Estudos literários — História e Política — Filosofia e Ciências (Divulgação; filósofos e cientistas; teses) — Pedagogia e educação (Instrução e orientação; formação; estudos pedagógicos) — Estudos económicos — Artes — Vários.

Quase todas as secções eram precedidas duma pequena nota introdutória que procurava pôr os problemas centrais dos assuntos versados e despertar o interesse dos leitores.

O catálogo abria por um pequeno prefácio de duas páginas, onde se lia:

«Seria ilusão considerar que uma humanidade inteira se está consumindo e sacrificando para continuar velha, indifferente às causas da luta.

«A Humanidade, que através dos séculos, já muito se afastou da sua animalidade primitiva e se ergue sempre em busca dum ideal cada vez mais nítido de justiça, por certo dará mais um passo — e talvez gigantesco passo — nessa rota de progresso que vem seguindo. Nem doutra maneira se justificariam os colossais esforços que está a desenvolver. Das ruínas, surgirão luzes.

«Para essa nova ordem de paz e de reconstituição social, haverá uma mobilização — julgamos — não só de todos os homens, mas, especialmente, das suas inteligências e das suas consciências.

«Torna-se evidente, por isso, a urgente necessidade de preparar todos os indivíduos da nossa espécie, para se integrarem nessa nova era que se avizinha.

«Essa obra terá que ser obra conjunta de todos os homens de boa vontade, em todas as camadas sociais, e por todos os meios recomendáveis que possam trazer gerais proveitos.»

Era a tomada de consciência social nos tempos conturbados, obscuros e muito indecisos duma guerra mundial que ainda ia em meio. Depois, seguia-se a justificação da iniciativa;

«Não oferece contestação a verdade, já há muito apregoa, de que o livro, não sendo de forma alguma um fim, é o meio mais prático, cómodo e aconselhável para divulgação de conhecimentos e de ideias.

«Nesta época, em que um eficiente movimento cultural toma cada vez mais extensão e profundidade no nosso país, graças às iniciativas, esforços e persistência de diversas individualidades, nota-se, porém, ao par de edições baratas ao alcance de todas as bolsas, uma enorme dificuldade em adquirir ou ler um grande número de obras mais completas, quer pelo seu elevado preço, quer ainda por não ser fácil encontrá-las nas livrarias ou nas bibliotecas públicas — quando existem.»

E, finalmente :

«Do reconhecimento das necessidades e dificuldades expostas, veio-nos a ideia da organização desta biblioteca, ao serviço dos nossos amigos das cidades e das mais reconditas aldeias, que procurará reunir não só as obras de mais fácil aquisição e leitura, nacionais e estrangeiras, como também todas aquelas que são necessárias a uma cultura geral elementar, essencial a todos os indivíduos que não sejam simples autómatos.

... «Por certo, a nossa obra não é de início tão completa e perfeita como desejaríamos que fosse — e procuraremos que seja. Há até, duma maneira geral, uma certa deficiência bibliográfica, e, por vezes, a predominância de obras secundárias, em lugar das primárias. Mas com o tempo e a boa vontade e cooperação dos nossos amigos, algo se fará de útil e proveitoso.»

Estava lançada a Biblioteca Móvel, delineado o seu programa. Os incrédulos dos primeiros instantes não

viam confirmadas as suas previsões. Mas uma imensidade de trabalhos e de problemas se iam ainda suscitar, e todos teriam de se vencer para que não ficasse gorada de encontro às muralhas de dificuldades a iniciativa que sorria à esperança de tantos.

ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS INTERNOS

Os livros que entravam para a Biblioteca Móvel davam muitas voltas antes ainda de começarem a ser lidos.

O primeiro acto de entrada era o registo no respectivo livro e estabelecimento da sua cota (classificação bibliográfica) de acordo com o género que se classificava, cota essa com que mais tarde figuraria no catálogo, como forma abreviada de ser requisitado e método prático de ser colocado e procurado nas estantes. Para dentro do volume ia uma ficha de papel branco que se colocava entre a capa e a primeira folha; esta ficha destinava-se a ser deslocada sempre que o livro ia para as mãos de qualquer assinante: saía o livro e ficava a ficha, com a indicação do leitor que o detinha e da data regulamentar em que deveria ser devolvido; de modo que, colocadas por ordem cronológica todas as fichas dos livros saídos, tornava-se fácil saber se havia pontualidade ou atraso

na sua devolução; quando se verificasse atrazo, expedia-se um postal já impresso para o efeito e que, por isso mesmo, pagava no correio uma taxa de selo mais reduzida.

Realizado esse acto de entrada em que, por assim dizer, o livro passava a ter uma personalidade dentro da biblioteca, seguia para uma secção de bibliografia. Aqui havia dois objectivos: um, preencher a ficha bibliográfica respectiva, com todos os dados, que depois permitiria preparar e ordenar o catálogo sem ter que movimentar mais os livros; outro, fazer retirar para um ficheiro bibliográfico amplo todas as indicações bibliográficas de outros livros que aquele referisse com precisão. Assim se chegou a constituir um apreciável ficheiro bibliográfico.

Finalmente, o livro dava entrada nas estantes, onde, pela indicação da cota, tinha um lugar próprio. O volume era ainda encapado com papel adequado para resguardar a capa e melhor poder resistir a todos os apertos a que mais tarde se iria sujeitar quando passasse de mão em mão a saciar a avidez de todos os que sobre as suas páginas viriam a debruçar-se.

Raros eram os livros que se mantinham nas estantes durante muito tempo. Havia leitores com todos os gostos e tendências. Havia até os que se aborreciam por a biblioteca não possuir as colecções Delly, Veuzit, Lavy, etc. Os livros nunca paravam, num vai-vém incansável. Se contassem todas as vicissitudes por que passavam, muito teriam que contar.

Aos poucos, ficavam usados e gastos, tantas vezes se passavam as suas páginas e o correio os calcava nas suas malas. Mas também freqüentemente acontecia que leitores mais carinhosos os aconchegavam com capas novas, encadernações e, até, ilustrações.

Sempre que um livro regressava, recebia novamente a respectiva ficha que o ficou a representar durante a ausência, e, antes de ir descansar para a estante, era passada em revista a interminável lista de pedidos a satisfazer, porque havia muitos pedidos que não podiam ser imediatamente satisfeitos por estarem ocupados os livros pretendidos. Muitas vezes, no próprio dia em que chegavam, tomavam novo rumo, chegando a haver alguns que, por serem tão pretendidos, passavam meses e até anos sem nunca pararem nas estantes. De algumas obras havia exemplares repetidos, dois ou três, e mesmo assim não eram bastantes para satisfazer a todos.

Por vezes, um livro encalhava: ia cair às mãos dum leitor menos escrupuloso, ou que por motivos imperiosos tinha de se deslocar repentinamente e esquecia-se do livro que recebeu; ou por mudança de direcção ou extravio no correio. Estes eram os casos aborrecidos, porque até que se resolvessem passavam-se muitos meses, ou nunca voltavam mesmo a aparecer, e, entretanto, os outros assinantes, que não sabiam do sucedido, reclamavam e protestavam por nunca lhes chegar a vez da leitura desses livros, se os tinham requisitado.

Mas a Biblioteca Móvel não tinha só um livro; tinha centenas deles, que representavam outras tantas

centenas de trabalhos, que só quem deles se encarregava, sabia pròpriamente avaliar o esforço. Mas a própria sensação de utilidade que exalava de todo aquele movimento de vai-vém contínuo, constituía um consolo animador para que nunca se desfalecesse, fossem quais fossem as arrelias que surgissem.

Quanto à organização e controle dos assinantes, provocou isso algumas e sucessivas alterações, pois que alguns sistemas de trabalho, inicialmente adoptados, deixavam de satisfazer à medida que crescia o número de assinantes. Pode dizer-se que à publicação de cada catálogo correspondia um sensível crescimento do número de assinantes, pelo que cada sistema não era válido geralmente por mais dum ano. O crescimento provocava crises que exigiam a reforma das bases de organização. Mas com a adaptação constante às novas exigências, a biblioteca pôde manter-se sempre à altura do seu desenvolvimento.

A organização da Biblioteca Móvel tinha como objectivos fundamentais a norteá-la: por um lado, atender o melhor possível aos assinantes; por outro, simplificar ao máximo os serviços, de modo a evitar acumulações de trabalho, pois não havia disponibilidades financeiras para sustentar uma burocracia.

O esquema da organização era constituído por um ficheiro de assinantes, com as respectivas direcções e lançamentos de cotas; um caderno para registar as requisições a satisfazer; um arquivo de requisições; e

um registo de todas as encomendas expedidas. Esta orgânica, que a princípio satisfazia plenamente, tornou-se complicada quando o número de assinantes se multiplicou. E multiplicava-se, de facto, pois que, por exemplo, em 1944 saíram 1.052 volumes para leitura, e logo no ano seguinte esse número elevava-se para mais do dobro — 2.398. Por isso, tornou-se impraticável estar a ver por cada livro que chegava se outras requisições o aguardavam, saber se o assinante para quem tivesse de ser remetido já não teria outros livros em seu poder, a-fim de evitar acumulações, e muitos outros preceitos que era necessário cumprir.

Foi então necessário organizar um novo tipo de ficheiro. Agora, cada ficha era muito mais completa: além do nome, direcção, etc, possuía um quadro para assentar as cotizações, um espaço para assentar as requisições que estivessem por satisfazer e um resumo quantitativo do movimento de encomendas, por onde se verificava se o assinante tinha livros em seu poder, quantos e desde quando. Desta forma, desaparecia o livro dos pedidos e o arquivo das requisições, ficando tudo reunido com melhor ordem numa única ficha, pela qual instantâneamente se verificava qual a situação de cada assinante perante a biblioteca.

Além da simplificação do serviço, os leitores podiam ser melhor assistidos e tudo funcionava mais proveitosamente.

Os livros expedidos eram sempre acompanhados dum talão de remessa, de que ficava cópia, o qual

levava apêndice um outro talão para utilizar a quando da devolução, onde também se podiam indicar novas requisições.

Os meus irmãos inicialmente, e mais tarde a minha mulher, foram os dedicados colaboradores que contribuíram para que a organização se mantivesse.

EXTENSÃO BIBLIOTECÁRIA E EDITORIAL

A Biblioteca Móvel foi um exemplo de dinamismo cultural.

Na realidade, os problemas da cultura são como os outros problemas: precisam de ser agitados. Uma ideia estagnada não faz sentido. A ideia é força e acção. Os ideais de cultura precisam de agitação, de propaganda, para que ganhem adeptos e germinem interesses. Assim em qualquer sociedade civilizada, e, por maioria de razão, num país onde o ideal de cultura anda arredado das preocupações dominantes do povo, porque tudo o distrai e alheia desses ideais, tantos são os impedimentos económicos e os valores negativos que têm a seu favor uma larga imprensa, uma intensa publicidade e poderosos apoios.

A Biblioteca Móvel, como qualquer instituição cultural que se preze, não poderia viver se se mantivesse fechada e estagnada, à espera que invisíveis espíritos

adivinhassem a sua existência e, por iniciativa própria, se abeirassem dela. Não. Não basta que uma instituição cultural exista. É importante para o desempenho da sua alta missão social que se debruce sobre o grande público, que o desperte, o atraia, o prenda numa rede incessante de interesses, curiosidades e problemas.

A Biblioteca Móvel não se limitou, por isso, a publicar o seu primeiro catálogo: distribuiu-o a todas as pessoas de quem possuía direcções, expediu circulares, pediu para que fosse dado conhecimento a mais pessoas possivelmente interessadas. E assim foi que a ideia posta em acção dinamizou interesses e entusiasmos e agregou à sua volta, desde os primeiros instantes, uma falange de apoio e auxílio, que permitiu que uma iniciativa aparentemente utópica e irrealizável, fosse uma esplêndida realidade durante oito anos consecutivos.

Ao catálogo n.º 1, publicado em Outubro de 1942, seguiu-se logo outro em Janeiro ou Fevereiro do ano seguinte, catálogo este complementar, que dava notícia dos livros que entretanto tinham dado entrada na biblioteca, e que deviam ter sido bastantes para justificar a publicação deste novo catálogo. (Não se conserva dele nenhum exemplar na colecção do organizador, pelo que não podem ser apresentados, de momento, dados mais precisos.)

Em Janeiro de 1944, aparecia um novo catálogo completo — era a consolidação da iniciativa, pois que já constituía um folheto de 50 páginas, onde quase um milhar de obras se agrupava criteriosamente em onze secções, desde a Literatura e Estudos literários, à Filo-

sófia, Pedagogia, História e Sociologia, deixando também lugar para Biografias, Problemas Femininos, Estudos Económicos, etc. Quer pela quantidade, quer pela selecção das obras apresentadas, este catálogo impunha a Biblioteca Móvel à consideração e ao respeito, mesmo dos que pretenderam ser os seus detractores.

«Ao apresentar o catálogo n.º 3 que reúne o total das suas obras — dizia-se numa nota introdutória — a Biblioteca Móvel sente bem nítido quão grande e vasto é o caminho que terá ainda e sempre a percorrer, sente bem nítido quanto é ainda insignificante a sua acção, quanto são limitadíssimas as suas possibilidades.

«Mas a Biblioteca Móvel sabe também que não era da iniciativa particular que devia surgir uma iniciativa desta natureza, e pressente que no futuro muito haverá que trabalhar neste campo, em bases mais sólidas.

«Orgulha-se de ter tentado suprir uma deficiência, mas sente o pesar de não a poder suprir cabalmente, como conviria.»

Esta orientação, que ainda hoje terá que considerar-se séria e consciente, fez acreditar a biblioteca tanto nos sectores populares como entre os intelectuais mais senhores da sua responsabilidade social. O quadro da entrada de obras (não incluindo as duplicadas) durante os três primeiros anos de existência da Biblioteca Móvel, dá-nos bem uma ideia do aumento de confiança que o público nela depositava, se atendermos a que uma boa parte dessas obras se devia à generosidade de ofertas.

Assim, em 1942, entraram 233 volumes; em 1943: 246. Pois em 1944 já davam entrada 451 volumes.

Do mesmo modo aumentava o interesse dos leitores: em 31 de Dezembro de 1943, encontravam-se em leitura 187 volumes. Em igual dia de 1944: 240.

E o crescimento e desenvolvimento não ficou por aqui. Porque, como já referimos anteriormente, enquanto durante o ano de 1944 saíram para os leitores 1.052 volumes, durante o ano seguinte saíram 2.398. E assim sucessivamente...

Em 1945, saiu com 40 páginas um novo catálogo, complementar. Este, porém, trazia uma inovação: como nesse ano se comemorasse o centenário do nascimento de Eça de Queiroz, o catálogo era na sua 1.^a parte dedicado a esse grande escritor, contendo uma fotografia, uma nota biográfica, a indicação de todas as obras de Eça, acompanhada cada uma duma memória bibliográfica, para esclarecimento dos leitores, e ainda uma secção de obras sobre aquele autor.

Este catálogo constituiu a génese duma «Bibliografia Queirosiana», aparecida logo em seguida e organizada com a colaboração de José Tarroso, um companheiro dedicado no trabalho.

Foi um trabalho avassalador, realizado em três meses de intensa actividade, a que não faltou a colaboração de vários amigos, que nas bibliotecas públicas de Lisboa, Coimbra e Porto procuravam consultar as obras e revistas que não se encontravam ao nosso dispôr.

Abria-se com esta iniciativa um novo campo de actividades à biblioteca, como então se explicou:

«Sem dúvida que uma larga tarefa cultural se coloca diante da Biblioteca Móvel, como, de resto, de quem quer que se disponha a realizar algum trabalho neste campo.

«Se a B. M. se destina especialmente à difusão do nosso património espiritual impresso, nem sempre acessível e muitas vezes desconhecido, não descarta outros aspectos, que podem mesmo ser considerados de extensão bibliotecária.

«Aonde temos nós relações de obras publicadas? Aonde estão os guias que nos orientem quando pretendemos fazer algum estudo ou abordar qualquer problema? Aonde nos podemos dirigir para obter qualquer informação bibliográfica?

«É claro que lacunas desta natureza não se preenchem apenas com boavontade, mas também com muito trabalho, paciência (hoje, diria estudo) e critério. Na medida do possível, a B. M. vai realizando também essa tarefa.

«Assim, traz em organização, há dois anos, um ficheiro bibliográfico, trabalho paciente que consome muitas centenas de horas de trabalho antes de se poder evidenciar a sua grande utilidade.

«E está a preparar uma série de bibliografias e estudos bibliográficos, a primeira das quais, a *Bibliografia Queirosiana*, com indicação das edições das obras de Eça e das que sobre ele se têm publicado, mesmo em revistas.»

A publicação desta bibliografia, num volume de muito bom arranjo gráfico e apresentação, constituiu um sucesso, pois que em muito poucas semanas se venderam muitas centenas de exemplares. A crítica da grande e pequena imprensa saudou o aparecimento deste primeiro volume da «Série de Ensaios Bibliográficos».

«No nosso país, onde estes trabalhos de estímulo intelectual e orientação são tão raros, o empreendimento da «Biblioteca Móvel» deve encontrar o apoio afectivo e a sim-

patia que bem merece. E sabendo-se que não o inspiram quaisquer interesses comerciais, mas apenas o desejo de contribuir, dentro das suas possibilidades, para a elevação do nível cultural português, bem pode desejar-se que ao esforço desta organização acorram todos os que puderem prestar-lhe o tributo da sua solidariedade material e moral.»

(Do Suplemento «Domingo», de 11 de Março de 1945)

«Cheio de oportunidade e de valor, surge no momento próprio este trabalho—«uma das primeiras contribuições, para se pôr ordem nos materiais que aos estudiosos interessam e que andam por aí dispersos e esquecidos», como se escreve no introito . . . »

(Da «Gazeta do Sul», de 25 de Março de 1945)

«Pertence o trabalho em questão à Série de Ensaaios Bibliográficos, organizados por Victor de Sá. Este, que é o primeiro, mostra-nos já o que será a colecção completa, pois, além das notas curiosas e das ideias que apresenta — «Bibliografia Queirosiana» representa uma exaustiva busca e um esforço de pesquisa admiráveis.»

(Da «Vida Mundial Ilustrada», de 7 de Junho de 1945)

Um segundo volume chegou a estar anunciado: «Bibliografia da Economia Nacional», este organizado por Nuno Fidelino de Figueiredo, que, porém, em breve retirou para o Brasil, ficando a obra por publicar devido à sua grande extensão e ao elevado preço que custaria, o que se tornou impossível de realizar por nunca a biblioteca ter recebido o apoio financeiro de qualquer entidade, o que aliás também nunca solicitou.

1945 foi um ano que ficou assinalado não só pelo grande desenvolvimento que a biblioteca alcançou, mas também pelo grande acontecimento mundial e histórico que foi o fim da guerra, com toda a espectacular liquidação dos símbolos que durante o seu decorrer se tinham tornado odiosos a todo o mundo. A nova geração, nomeadamente entre nós, teve pela primeira vez em sua vida a cálida sensação da liberdade. Quem ficou insensível aos novos tempos?

Por isso, em Janeiro de 1946, a Biblioteca Móvel publicou o seu quinto catálogo — «Um feixe de leituras» — onde, entre outras oportunas considerações, se lia:

«Com todo o material bibliográfico que conseguimos reunir do mercado livreiro português, procuramos apresentar um feixe — variado ao menos, já que não completo — das obras que mais úteis podem ser às mentalidades que pretendam banhar-se nas correntes da nova humanidade que surge...

... «Porque os novos alicerces sociais terão que assentar — não num reduzido número de interesses particulares — mas no interesse geral e comum de todos os homens, os numerosos e por vezes complexos problemas do nosso tempo têm de ser expostos e divulgados a todos também, porque todos terão de ser chamados a contribuir, honesta e conscientemente, para a sua solução.

... «A chamada literatura de ficção vem neste catálogo mais uma vez largamente representada... Depois vêm as obras que nos ajudam na interpretação histórica da nossa época; vêm as que tratam os vários problemas de natureza social, económica, pedagógica, etc, com que nos debatemos; finalmente, uma série de biografias...

A Biblioteca Móvel era assim um reflexo dos tempos, procurava corresponder às mais instantes ansiedades do momento.

Em 1947, saiu ainda um novo e completo catálogo — o N.º 6 — com a indicação de mais de 1.500 obras, que eram quantas nessa altura já constituíam o recheio da biblioteca.

«A caminhada já percorrida, a experiência obtida, os resultados verificados, os serviços reconhecidos e os estímulos recebidos — tudo nos anima a prosseguir.»

Isso escrevia-se ainda em Janeiro de 1947. Alguns meses depois, porém, e por razões que não interessam para aqui referir, as boasvontades estavam prejudicadas por violentos contratempos surgidos.

A Biblioteca Móvel manteve ainda a sua existência durante uns dois ou três anos mais. Mas a sua organização definhou, deficiente o seu controle. Não pôde publicar outros catálogos nem mais prospectos de propaganda.

A Biblioteca Móvel estava fadada a acompanhar os tempos...

UM INQUÉRITO AOS LEITORES DA BIBLIOTECA

Na primavera de 1945, procedemos a um inquérito junto dos assinantes da Biblioteca Móvel, a-fim de reunir elementos que permitissem ajuizar dos resultados do esforço da B. M., das vantagens e deficiências da sua organização e do futuro deste sistema de leituras.

Interessantes resultados se obtiveram, que em seguida se referem pela ordem mais conveniente:

PORQUE GOSTAM DE LER

Evidentemente, todos os inquiridos afirmaram gostar da leitura. Porquê? A esta pergunta houve 98 % de referência à natureza instrutiva, como fim de leitura. 44 % aliaram à instrução o fim de distracção.

TEMPO DE QUE DISPÕEM PARA AS LEITURAS

Um grande número, 37 %, devido possivelmente às suas ocupações profissionais e outras, como tempo gasto em transportes, etc, não dispõe de tempo suficiente para fazer as suas leituras. São os empregados os mais sacrificados neste caso.

Em número menor, são os que dispõem de algum tempo, nem tanto quanto desejariam, nem tão pouco quanto poderia ser. 31 % dispõem de tempo necessário.

COMPRA DE LIVROS

A maioria dos inquiridos diz não ter na sua terra livrarias que os ponham ao corrente da produção literária. Se atendermos, porém, a que a maioria dos assinantes habita em cidades, onde há livrarias, não sabemos se houve erro de interpretação da pergunta, ou se a negativa traduz uma sensação de insuficiência quanto à projecção das livrarias.

Dos inquiridos, 52 % costumam comprar livros. 36 % só compram acidentalmente, 12 % não compram livros. Todos apontam o factor económico como sendo a causa da limitação na compra dos livros.

BIBLIOTECAS PARTICULARES E PÚBLICAS

31 % dos inquiridos não têm biblioteca própria. 48 % dos que responderam não têm bibliotecas nas suas terras. Dos que as têm, só 10 % se utilizam delas.

Os que não as utilizam queixam-se do seu mau regime de funcionamento e do fraco recheio que não corresponde às suas necessidades culturais. Quase todos os assinantes de determinada vila se queixaram da fraca qualidade do pessoal empregado.

GUIAS DE LEITURA

30 % não dispõem de qualquer guia que os oriente nas suas leituras. Para os outros, são os seguintes os factores de escolha dos livros que lêem: nome dos autores (34 %), referências que conhecem (27 %), assuntos de que tratam (24 %), sugestão do catálogo da B. M. (11 %), indicações em revistas (10 %), em jornais (5 %), recomendação de professores (4 %), de sacerdotes (3 %), indicações bibliográficas (3 %) e pelos prefácios (1 %).

72 % não assinam qualquer revista ou boletim bibliográfico. As revistas mais assinadas, pela ordem decrescente: «Seara Nova», «Litoral», «Vértice», «Afinidades», «Globo», «Síntese» e outras.

As críticas dos jornais interessam a 50 % e não interessam a 13,5 %. 36,5 % põem reservas ao interesse das críticas dos jornais.

A MELHOR UTILIDADE DA B. M.

72 % dos inquiridos encontram a melhor utilidade da B. M. no material cultural que ela lhes fornece. Os outros motivos de utilidade são os seguintes, por ordem decrescente: possibilidade de leitura de livros

caros e esgotados, conhecimento de livros novos, leitura recreativa, conhecimento de autores em que ainda não tinham reparado e contacto com *problemas novos*. Destes, foram descriminados em primeiro lugar os problemas sociais e os de expansão do livro, em segundo lugar os de biologia, depois as questões económicas e pedagógicas, por fim os problemas filosóficos e científicos, os literários e educativos, os psiquiátricos, etc.

REVELAÇÃO DE AUTORES

Um dos mais curiosos aspectos do inquérito, que representa ao mesmo tempo um factor bem concreto de utilidade desta Biblioteca, é o que nos revela os Autores com que os assinantes pela primeira vez tomaram contacto por intermédio da Móvel e que deixaram vincadas impressões.

Desses Autores, os mais nomeados foram: os brasileiros modernos (Jorge Amado, Lins do Rego, Erico Veríssimo), os russos (Korolenko, Gorky, Fedine, Tchekoff); os modernos portugueses (Manuel do Nascimento, Alves Redol, Pereira Gomes, Miguel Torga, Garibaldi de Andrade, Afonso Ribeiro), e muitos outros; Richard Wright, A. W. Nemilow, Tagore, J. Austen, B. Ibañez, M. Monteiro Pereira, Bertrand Russel, R. Rolland, Joracy Camargo, Paulo de Mantegaza, P. S. Buck, Alfredo Appell, Panait Istrati, A. Huxley, O. Wild, Sally Salminen, Bento Caraça, Emil Silampäa, Axel Munthe, Raúl Brandão, Aquilino Ribeiro, Erasmo, Roberto Nobre, José Bacelar e Knut Hamsun.

QUANTIDADE DE LIVROS LIDOS

Embora esta pergunta não dê margem a respostas grandemente concretas, pois não só é bastante indeterminável como também as respostas muito relativas, ainda assim é interessante verificar que 6 % dos inquiridos leram cerca de 50 volumes, 3 % cerca de 60 volumes e 5 % leram entre 80 a 150 volumes. 18 % não souberam determinar quantos livros leram da B. M.

LIVROS DE MAIOR AGRADO

A esta pergunta, o livro mais citado foi «O Altruísta» de Bernard Shaw. Imediatamente, seguem-se: «O músico cego» (Korolenko), «Acuso» (Zola) «Tragédia biológica da mulher» (Nemilow), «Cultura integral do indivíduo» (Caraça), «Guerra e Paz» (Tolstoi), «Drama de João Barois» (Du Gard). Em terceiro lugar, foram citados: «Esteiros» (Pereira Gomes), «Olhai os lírios do campo» (Veríssimo), «Terras do Sem Fim» (J. Amado), «Nada de novo na frente ocidental» (Remarque), «Ratos e Homens» (Steinbeck), «Quod vadis?» (Sienkiewicz), «Germinal» (Zola), «A casa e o mundo» (Tagore), «A vida de Zola» (Agostinho da Silva), «Entre o céu e a terra» (Ludwig), «O crime do Padre Amaro» (Eça), «A Selva» (Ferreira de Castro). Em quarto lugar, com uma só citação, foram mencionados os seguintes: «Os grandes criminosos na arte e na literatura» (Ferri), «Religiões primitivas» (Flausino Torres), «Pensamento

vivo de Voltaire» (A. Maurois), «O livro de S. Michele» (Munthe), «Miseráveis», «O homem que ri» e «O 93» (V. Hugo), «Miguel Angelo», «Vida de Pasteur», «Sanderson e a escola de Oundle» (Agostinho da Silva), «Londres maravilhosa» (Teixeira Gomes), «A catedral» (Ibañez ou M. Ribeiro?), «Origem das espécies» (Darwin), «Guerra Junqueiro» (L. de Oliveira), «Trampolim» e «Plano inclinado» (Afonso Ribeiro), «Descendemos do macaco?» (Denoy), «Filho nativo» (Wrigth), «A Velhice do Padre Eterno» (Junqueiro), «Maria Stuart», «Erasmus», «José Fouché» e «Brasil» (Zweig), «As Farpas» (Ramalho), «Memórias dum gendarme» (Terrail), «Volfrâmio» e «Maria Benigna» (Aquilino), «Cêrromaior» (Manuel da Fonseca), «Mineiros» (M. do Nascimento), «Teatro» e «Lamentação» (Torga), «Tio Angelo» (Istrati), «Vitaminas» (M. Pereira), «Elogio da loucura» (Erasmus), «Deus lhe pague» (Camargo), «La lumière» (P. Rousseau), «Estrada real» (Malraux), «Maria Ivanovna» (Puchkin), «Vida e universo» (Gusmão), «Introdução à sociologia» (Cuvillier), «Vento do oriente, vento do ocidente» e «A mãe» (Buck), «Psicologia» (McDougal), «Relíquia» (Eça) «Sonata de Kreutzer» e «Amor, Liberdade» (Tolstoi), «Problema do Mediterrâneo» (Alarcão), «Considerações sobre o desporto» (S. Lima), «S. Jorge dos Ilhéus», (J. Amado), «Quadro económico do mundo» (A. Guerreiro), «Filhos rebeldes» (Hériat), «Fanga» e «Gaibéus» (Redol), «Destino da espécie humana» (Wells), «Multição» (Leão Penedo), «La relativité» (Couderc), «Cândido» (Voltaire), «Sistemas filosóficos» (Cresson), «A taberna» (Zola).

LIVROS QUE CAUSARAM DECEPÇÃO

O mais citado foi: «Estrada Real» (Malraux); convém notar que esta mesma obra mereceu uma citação como das que mais agradaram. As restantes obras que desiludiram foram: «Educação sexual da juventude» (A. Leça), «Morte dos deuses» (Merejkowsky), «Como vivem, nascem e morrem os criminosos» (Ary dos Santos), «Paraíso das mulheres» (Ibañez), «História do Futuro» (Wells), «Os grandes empreendimentos» (Fournier), «História dum desconhecido» (Tcheckoff), «Tio Goriot» (Balzac) «Pântano» (Gaspar Simões), «As sete partidas do mundo» (F. Namora) e «Carne da minha carne» (Carlisle).

O assinante que não gostou desta última obra explica como tendo sido a pontuação o motivo do seu dissabor.

CONSERVAÇÃO DOS LIVROS

75 % concordam e acham bem a capa de papel a revestir os livros. Alguns objectaram, e justamente, que a capa se deve manter limpa; outros lembraram a conveniência em que ficasse visível a capa dos livros, para se poder apreciar os seus motivos artísticos. Como os papéis transparentes não possuem bastante consistência, adoptou-se o sistema de capas de papel soltas, para que possam ser retiradas e repostas novamente, sempre que se deseje apreciar a capa do livro. 5 % preferem os livros sem a referida capa, mas aceitam que a levem.

CULTURA E ACÇÃO

EXPEDIÇÃO PELO CORREIO

Apenas 3 % responderam que era incómoda a expedição pelo correio. Contudo, esses mesmos sentem-se absolutamente compensados pela vantagem da leitura domiciliária.

PRAZO DA LEITURA

61 % são de opinião que um mês é tempo bastante para a leitura dos livros. 12 % acham que é um prazo excessivo. 27 % responderam que nem com todos os livros se pode gastar o mesmo tempo de leitura. Decidiu-se manter o prazo médio de 30 dias, que não é absolutamente fixo e dá vantagem aos que não dispõem de tempo bastante para as suas leituras.

A UMA ÚLTIMA PERGUNTA

— Deve a Biblioteca Móvel ser uma grande organização nacional de cultura?

95 % responderam afirmativamente.

Os restantes 5 % não responderam à pergunta.

TRANSFERÊNCIA DOS LIVROS E FIM DA BIBLIOTECA MÓVEL

Conforme já se acentuava no catálogo N.º 5, publicado em Janeiro de 1946, em *post-scriptum* ao relatório do inquérito aos leitores, os problemas de organização e amplitude das bibliotecas «só terão solução eficaz quando postos como problemas nacionais, como de facto são, e enquadrados no conjunto de problemas económicos e sociais emergentes.»

Assim é, efectivamente.

Por mais boavontade, esforço e persistência que se ponha no desenvolvimento duma obra como era a da Biblioteca Móvel, ela não pode persistir sem que determinados auxílios, ou, pelo menos, apropriado ambiente se crie à sua volta.

Às dificuldades e obstáculos inerentes a uma organização do género da Biblioteca Móvel, acresceu uma série de acidentes na vida do organizador da Biblioteca,

entre 1947 e 1951, (que não importa para aqui referir) que criaram uma rede tal de embaraços, que dela só podia resultar a total paralização da biblioteca.

Assim acabou rendida, impotente, desamparada, depois de 8 anos de ininterruptos serviços.

Os livros, estancados nas estantes, donde muitos saíram para nunca mais voltar, ofereciam um aspecto desolador. Já não era mais uma biblioteca; era um mausoléu. Tinham perdido aquele ar vigoroso que o dinamismo noutros tempos lhes imprimira. Sempre que se olhava para aqueles livros parece que eles lançavam um apelo de libertação, um apelo de quem quer continuar a peregrinar pelos cérebros ávidos de todos quantos os quisessem ler.

E o apelo foi ouvido.

A Sociedade Cooperativa Editora Norte (SEN), do Porto, tinha criado a Biblioteca para os seus sócios, que recebeu o nome do saudoso Eng.º Osvaldo Santos Silva. Da SEN eram os leitores que lançavam o apelo. Era de livros que eles precisavam. E como esta Biblioteca vinha acarinhada por muitos entusiasmos, que são as alavancas de todos os movimentos generosos, os apelos encontraram-se. E o grosso do recheio da Biblioteca Móvel foi cedido à Biblioteca Osvaldo Santos Silva, com a condição dos livros se destinarem ao mesmo fim criador que outrora possuíram.

Excessiva generosidade! — houve quem pensasse. Mil e tal livros não se oferecem com essa facilidade.

Poderá haver excesso de generosidade em matéria de livros para bibliotecas?

Mas não era de generosidade que se tratava neste caso. Era apenas de lealdade e fidelidade aos princípios que sempre nortearam a Biblioteca Móvel.

Por isso, seja-me permitido encerrar esta memória com a transcrição da carta que acompanhou os livros para a Biblioteca Osvaldo Santos Silva, da SEN:

«Braga, 19-1-951.

Presados Amigos:

«Com os livros da Biblioteca Móvel vai um pedaço de mim próprio e uma porção da minha existência — uma bela porção que dediquei à valorização intelectual do meu semelhante.

Oito anos de trabalho sistemático e permanente ao serviço da cultura popular, decorreram recheados dos mais proficuos ensinamentos e experiências. Em dois aspectos fundamentais: no da técnica da extensão cultural duma biblioteca que se presa de ser viva; e no da sugestão impulsionadora contida no mais íntimo contacto com uma larga camada de leitores ávidos e sequiosos.

Uma das mais características lições da Biblioteca Móvel é a de que uma biblioteca que se prese da

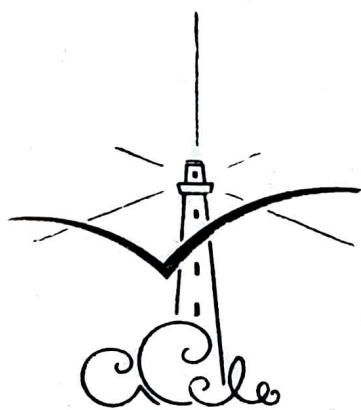
sua alta função social deve ser servida com alma de apostolado, com fé, com persistência, quase com devoção.

Ao confiar à Biblioteca Osvaldo Santos Silva estas centenas dos seus livros, que se orgulham de ir intensamente poidos, faço-o na esperança e com a convicção de que encontrarão a dinamizar a sua função uma pléiade de verdadeiros apóstolos da cultura.

Uma biblioteca não é um museu de livros: é um laboratório de reagentes, onde se iluminam as inteligências.»

E assim acabou, com esta transferência dos seus livros, a Biblioteca Móvel.

Acabou de imprimir-se
em Novembro de 1954,
na Tipografia Cávado
da vila de Esposende.



Preço: 10\$00